



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Após avanço da agenda econômica no Congresso, agentes se voltam para dados de inflação e atividade

Após aprovação de temas importantes no Congresso na última semana, em especial a reforma tributária na Câmara dos Deputados, os agentes se voltam novamente para os indicadores econômicos, com destaque para o resultado da inflação (IPCA) de junho, que deve mostrar deflação e pode aumentar a intensidade do debate sobre o tamanho do primeiro corte esperado para a taxa Selic em agosto. A expectativa para o índice, que será conhecido na terça (11), é de deflação de 0,09% no mês (ante alta de 0,23% em maio), refletindo as quedas dos preços dos alimentos, combustíveis e veículos (programa automotivo). Em 12 meses, o IPCA deve desacelerar de 3,94% para 3,15%, menor patamar desde set/20 (3,14%). De toda forma, os agentes seguirão atentos ao comportamento da inflação de serviços e das principais medidas de núcleo, que, por ora, tem mostrado uma acomodação lenta, sugerindo um início gradual para o processo de flexibilização monetária.

A semana também traz dados de atividade, com o IBGE divulgando os resultados de maio do setor de serviços (na quarta, dia 12) e do comércio (na sexta, dia 14), importantes para calibrar o desempenho do PIB no 2º trimestre. A expectativa do consenso é de que o setor de serviços avance 0,3% no mês, mas ainda assim, deixando um carregamento de -0,3% para o setor no 2º trimestre, dada a forte queda de abril (-1,6%), sugerindo algum esfriamento da atividade no período. Para o varejo (conceito ampliado), a expectativa é de recuo de 0,6%, diante do baixo dinamismo dos segmentos de maior valor agregado (afetados pelas condições mais restritivas do crédito) e, em especial, pela postergação da compra de veículos no mês na espera do programa de descontos do governo, cujo início ocorreu em junho.

Na agenda internacional, o mercado se voltará para os dados de inflação ao consumidor (CPI) dos EUA, na quarta (12), que devem confirmar as apostas em, pelo menos, mais uma alta dos juros pelo Fed. Segundo o consenso de mercado, o CPI deve subir 0,3% em junho (ante 0,1% em mai/23), o que representaria uma desaceleração em 12 meses de 4,0% para 3,1%, impulsionado pela acomodação do preço da energia. Contudo, o núcleo deve seguir bem mais elevado (em 5,0%) e em desaceleração mais modesta (ante 5,3% em maio), fato que pode, inclusive, aumentar a probabilidade de outra alta adicional dos juros pelo Fed (em setembro). Também na semana, haverá a divulgação dos preços ao produtor (PPI), na quinta (13) e do Livro Bege, na quarta (12).

Ainda nos EUA, alguns dos maiores bancos do país darão início à divulgação da safra de balanços corporativos referentes ao 2T23. Na sexta (14), serão conhecidos os resultados do JP, Bofa e Citi.

Na China, o destaque para os dados do setor externo de junho, que serão conhecidos na quinta (13) à noite, e que devem seguir indicando perda de tração da atividade no país. A expectativa é de que as exportações apresentem queda de 10,0% ante jun/22, ampliando a desaceleração observada em maio (-7,5%), enquanto as importações devem recuar 4,1% no mesmo comparativo (ante -4,5% em mai/23). Ontem (9), os dados de inflação (CPI e PPI) de junho seguiram em baixo patamar (abaixo do consenso), que em combinação com a queda da atividade, abrem caminho para o anúncio de mais estímulos por parte do governo chinês.

A próxima página traz o quadro completo da agenda de indicadores com as datas de divulgação e projeções de mercado.



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
11/jul	IBGE: IPCA	Jun/23	-0,09% m/m 3,15% a/a	0,23% m/m 3,94% a/a
12/jul	IBGE: Pesquisa Mensal de Serviços (PMS)	Mai/23	0,3% m/m 3,7% a/a	-1,6% m/m 2,7% a/a
14/jul	IBGE: Pesquisa Mensal de Comércio (PMC)	Mai/23	-0,6% m/m 3,8% a/a	-1,6% m/m 3,1% a/a

Fonte: Bloomberg.

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
09/jul	China	Inflação ao Consumidor (CPI)	Jun/23	0,2% a/a	0,2% a/a
09/jul	China	Inflação ao Produtor (PPI)	Jun/23	-5,0% a/a	-4,6% a/a
12/jul	EUA	Inflação ao Consumidor (CPI)	Jun/23	0,3% m/m 3,1% a/a	0,1% m/m 4,0% a/a
12/jul	EUA	Livro Bege	-	-	-
13/jul	Zona do Euro	Produção Industrial	Mai/23	0,3% m/m	1,0% m/m
13/jul	EUA	Inflação ao Produtor (PPI)	Jun/23	0,4% a/a	1,1% a/a
13/jul	China	Balança Comercial (Exportações / Importações)	Jun/23	-10,0% a/a -4,1% a/a	-7,5% a/a -4,5% a/a
14/jul	EUA	Confiança do Consumidor (Univ. Michigan)	Jul/23 – prévia	65,5 pts	64,4 pts

Fonte: Bloomberg.

ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

INDICADORES ECONÔMICOS

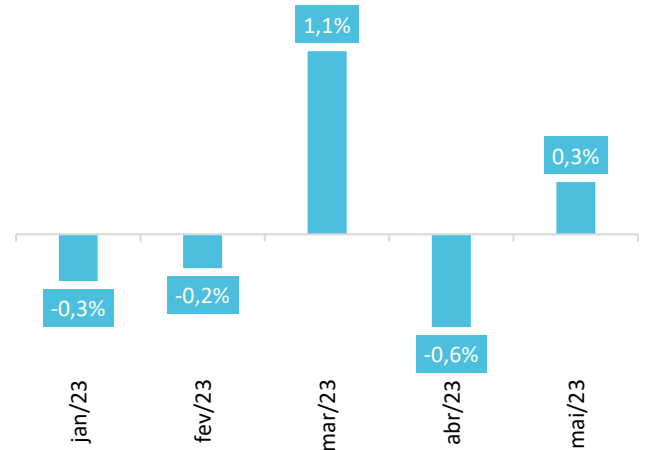
Câmara aprova reforma tributária

O principal destaque da última semana foi a aprovação na Câmara dos Deputados da PEC 45/2019, que altera a tributação sobre o consumo no país. Aprovada por grande maioria dos deputados (375 votos no 2º turno, ante mínimo de 308), o texto prevê a substituição dos impostos federais (PIS, Cofins e IPI), estadual (ICMS) e municipal (ISS) sobre o faturamento das empresas (que incide em bens e/ou serviços), por três novos impostos: IVA nacional, regional e um imposto seletivo (sobre bens/serviços prejudiciais à saúde). Ainda, o texto prevê a migração da cobrança dos impostos da origem para o consumo dos bens/serviços, em linha com as melhores práticas mundiais, fato que deve contribuir para acabar (ou pelo menos reduzir) a guerra fiscal entre os Estados no Brasil. A transição para o novo modelo começará em 2026 e gradualmente eliminará os atuais impostos até 2033. Embora tenha permitido um tratamento diferenciado para alguns setores/produtos, a aprovação é positiva, dado que deve propiciar um ganho de produtividade para a economia nos próximos anos, diante da simplificação do sistema tributário. De toda forma, o texto ainda precisa ser aprovado no Senado e depois ainda dependerá de diversos projetos de lei complementares para a sua efetiva implementação. Lembre-se a propósito, que mesmo a definição da alíquota ficou para definição posterior.

Dentre os indicadores econômicos, a produção industrial voltou a crescer em maio (+0,3%) em linha com o esperado (+0,2%). O resultado reverteu parte da queda observada em abril (-0,6%) e deixou um carregamento positivo de 0,3% para o 2º tri, sugerindo a possibilidade de algum crescimento da indústria no trimestre, embora não altere o quadro desafiador do setor.

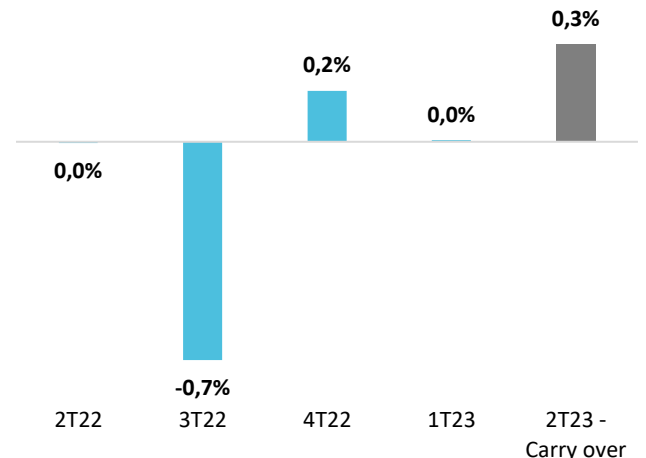
O setor mostrou uma predominância de taxas positivas no mês, com avanço em 3 das 4 grandes categorias e em 19 das 25 atividades analisadas, o maior espalhamento positivo desde set/20. Dentre as grandes categorias, destaque para a alta de bens de capital (+4,2%) e de bens duráveis (+9,8%). Entre as atividades, o maior avanço veio da fabricação de máquinas e equipamentos (+12,3%), estimulada pelo setor agrícola. Também houve forte aumento da produção de derivados do petróleo (+7,7%), com os cortes de preços promovidos pela Petrobras nas refinarias estimulando a produção doméstica (ante a importação). Já a produção de veículos (+7,4%) voltou a crescer após recuo nos últimos dois meses, para atender a demanda por veículos diante do anúncio do programa automotivo do governo.

Quadro 1: Produção Industrial – Var. % mensal



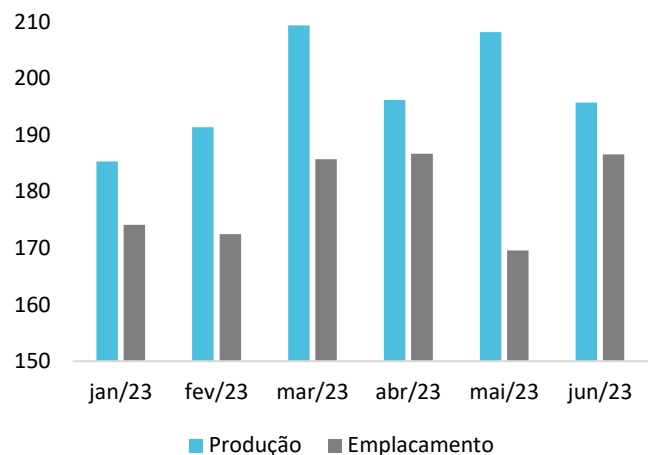
Fonte: IBGE

Quadro 2: Produção industrial Var. % trimestral (t/t-1) e Carry Over 2T23



Fonte: IBGE

Quadro 3: Produção e Emplacamento de Veículos – em milhares – série ajustada*



Fonte: Anfavea e Fenabrave. * Dessazonalização Febraban

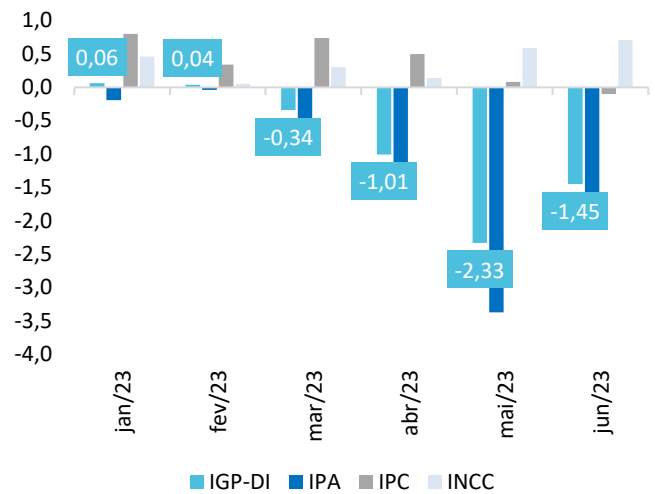
Por sinal, os dados do setor automotivo de junho também foram divulgados na semana e mostraram um baixo impacto do programa do governo no setor. Segundo a Anfavea, a produção total de veículos caiu 6,0% no mês (cálculo dessazonalizado pela Febraban), devolvendo a alta de maio (+6,1%) e simplesmente retornando ao nível de abril, sinalizando que o aumento da demanda foi antecipado na produção de maio, além de estoques já existentes. Por outro lado, os emplacamentos subiram 10,0% em junho, mas também apenas devolvendo a queda de maio (-9,2%), quando os consumidores postergaram a compra do novo veículo. Assim, o programa automotivo parece não ter sido suficiente para impulsionar a produção industrial de junho (como visto em maio), embora possa criar condições para alguma retomada da produção no 2º semestre com a redução dos estoques.

No âmbito da inflação, os preços no atacado seguem recuando, contribuindo para a melhora do cenário inflacionário no curto prazo. O IGP-DI caiu 1,45% em junho, novamente surpreendendo o mercado (-1,18%), levando o indicador para o menor patamar histórico (-7,44%) em 12 meses. As principais influências baixistas seguiram vindo dos grãos (soja e milho), bovinos e combustíveis, mantendo a deflação do índice no atacado (-2,13%). O índice ao consumidor (IPC) também acomodou (-0,10%), diante da queda dos preços dos alimentos e veículos. Apenas os preços na construção civil avançaram (+0,71%), pressionados pela alta dos salários (+1,46%).

Já a balança comercial registrou superávit de US\$ 10,6 bilhões em junho, acima do esperado (US\$ 9,5 bi) e o melhor resultado para um mês de junho desde o início da série histórica (1994). A melhora do saldo comercial foi puxada pela redução do valor das importações (-18,2%), que mais do que compensou a queda das exportações (-8,1%). Ambas as quedas refletem a redução dos preços das *commodities*, que levou a uma queda dos preços das exportações (-15,2%) e importações (-17,7%). Contudo, enquanto o volume exportado cresceu 6,7%, impulsionado pelo aumento da venda dos itens agropecuários (+30,4%) e extrativos (+12,0%), o quantum importado caiu 3,3%, puxado por combustíveis (-6,3%) e bens intermediários (-4,7%).

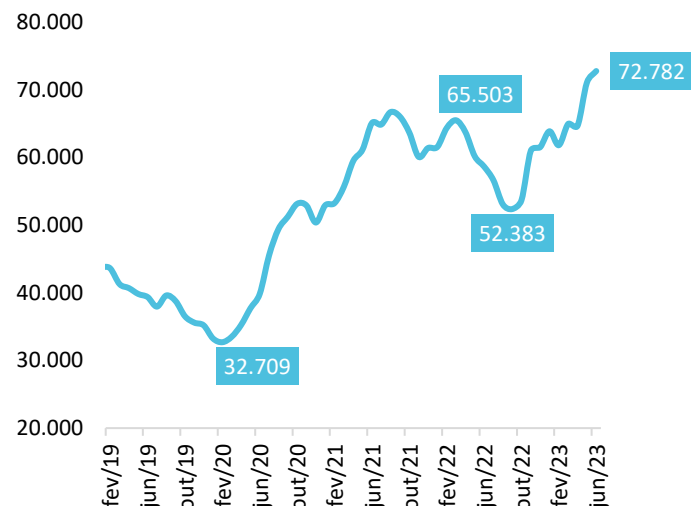
No 1º semestre, o superávit comercial ficou em US\$ 45,5 bi, maior valor para o período desde o início da série, superando em 32,9% (US\$ 34,3 bi) o saldo obtido no mesmo período de 2022, com leve alta das exportações (+1,3%) e queda das importações (-7,1%). Assim, a Secex aumentou para US\$ 84,7 bi sua projeção para o superávit de 2023, ante saldo de US\$ 61,5 bi em 2022 (recorde até então). Embora otimista, é bastante provável que o superávit deste ano atinja cerca de US\$ 75 bi.

Quadro 4: IGP-DI e Aberturas – Var.% mensal



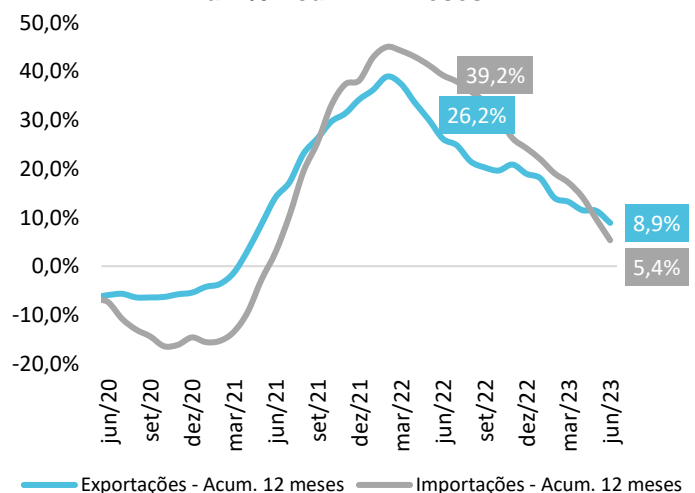
Fonte: FGV

Quadro 5: Saldo Comercial Em US\$ mi – Acum. 12 meses



Fonte: Secex

Quadro 6: Exportações e Importações Var. % Acum. 12 meses



Fonte: Secex

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

Perspectiva para nova alta de juros nos EUA se consolida, apesar de payroll mais fraco

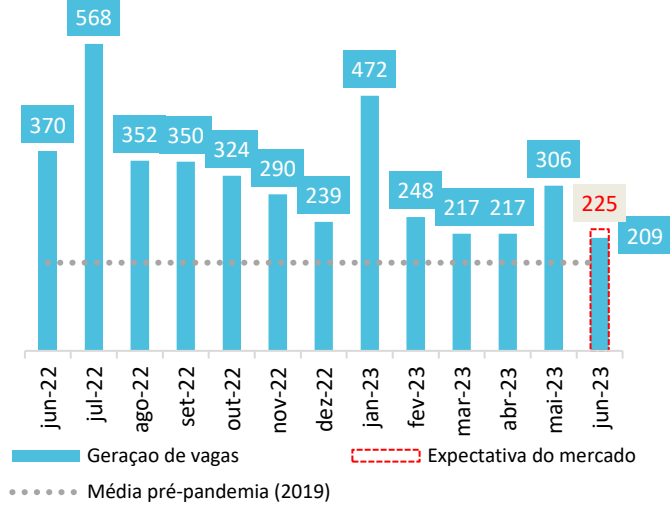
Durante a semana, os agentes permaneceram cautelosos em meio ao cenário de consolidação das apostas na retomada do ciclo de alta dos juros nos EUA por parte do Fed (assim como na continuidade de tal processo pelo BCE na Europa). Com isso, a semana foi negativa, com os principais índices acionários fechando a sexta-feira com leve queda. Já no mercado de petróleo, destaque para o anúncio da Arábia Saudita e da Rússia sobre o novo corte na produção do produto, em resposta à queda do preço da commodity em função do temor com a atividade global. Tal anúncio levou a uma alta do preço do barril na semana, embora siga abaixo da faixa de US\$ 80 (tipo Brent).

O payroll de junho registrou a criação de 209 mil vagas de emprego, abaixo das expectativas (+225 mil) e o menor número desde dez/20. Apesar da desaceleração, o dado ainda mostra um mercado apertado. Isso porque, a taxa de desemprego registrou nova queda, de 3,7% para 3,6%, enquanto os ganhos salariais subiram 0,3% no mês, mantendo o avanço de 4,4% em 12 meses.

Já a Ata do encontro de junho do Fed trouxe um tom mais duro em sua comunicação, destacando que o progresso no controle da inflação tem sido modesto e que o mercado de trabalho segue forte. Além disso, trouxe a informação de que alguns participantes eram favoráveis a uma alta de 0,25 pp em junho, mas que quase todos julgaram apropriado manter os Fed Funds no intervalo entre 5,0% e 5,25% aa, indicando certa divisão no Colegiado. De toda forma, os dados do payroll em conjunto com a leitura da ata praticamente sacramentaram entre os agentes a percepção que haverá mais uma nova alta dos juros (+0,25 pp) na reunião do fim do mês (dia 26/jul). A ferramenta do grupo CME aponta probabilidade de cerca de 92% deste cenário se concretizar.

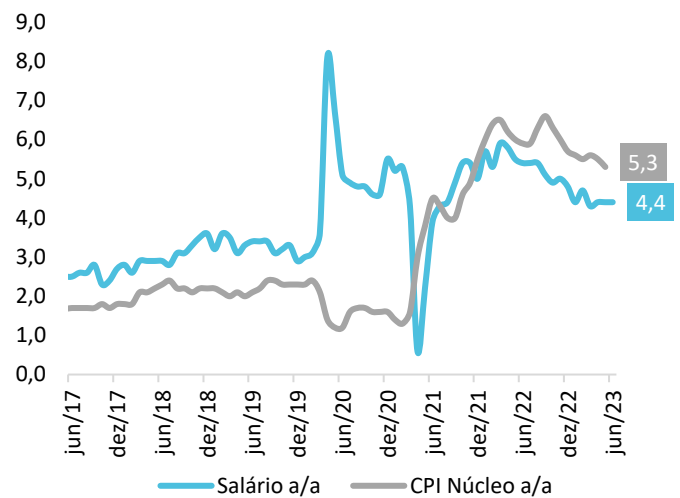
Quanto à atividade, a leitura final dos índices PMIs de junho indicou desaceleração das principais economias do mundo, incluindo no setor de serviços, que tem se mostrado mais resiliente. Nos EUA, o indicador caiu para 54,4 pts (ante 54,9 pts); na Zona do Euro o índice recuou de 55,1 pts para 52,0 pts; enquanto na China, o índice PMI Caixin dos serviços caiu para 53,9 pts (ante 57,1 pts). De toda forma, em todas as economias citadas, o índice segue acima do nível neutro (50 pts), sugerindo que segue em expansão. Por outro lado, o índice da manufatura seguiu em queda, aprofundando a perspectiva negativa para o setor, prejudicado pelo ambiente de altas taxas de juros. Nos EUA, houve queda de 48,4 pts para 46,3 pts, enquanto na Zona do Euro, o indicador caiu de 44,8 pts para 43,4 pts.

Quadro 7: EUA – Geração de Vagas de Emprego Em milhares



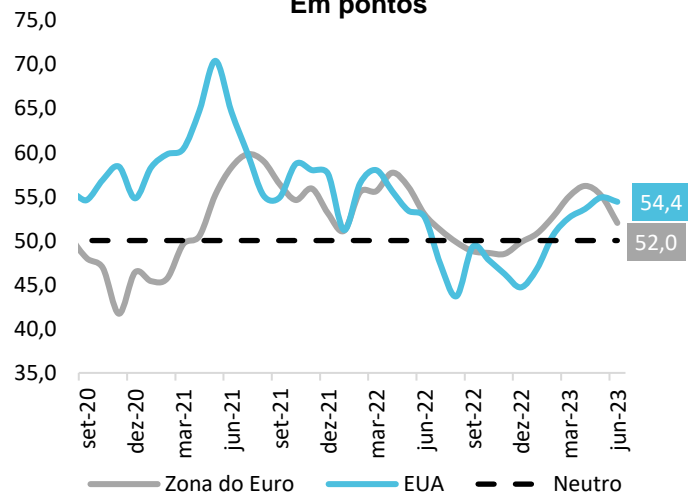
Fonte: Bloomberg.

Quadro 8: EUA – Ganhos salariais médios e Núcleo do CPI* - Var. % a/a



Fonte: Bloomberg. *Dados até mai/23.

Quadro 9: EUA e Zona do Euro – PMI de Serviços Em pontos



Fonte: Bloomberg.

Pesquisa Febraban de Economia Bancária e Expectativas

CRÉDITO / BANCOS

Projeção para expansão do crédito em 2023 mostra ligeiro recuo

A Pesquisa Febraban de Economia Bancária, realizada com 19 bancos entre os dias 28 de junho a 4 de julho, captou ligeira revisão baixista na projeção para o crescimento da carteira total em 2023. Agora, a projeção média é de alta de 7,8% no ano (ante 8,1% na pesquisa anterior), muito próxima da atual projeção do BCB (de 7,7%, segundo o RTI).

A revisão foi puxada pelo menor crescimento esperado para a carteira PJ Livre, que passou de 3,9% para 2,4%, refletindo os fracos números observados até o momento, decorrentes do aumento da percepção de risco no segmento (caso Americanas e outros pedidos de recuperação judicial), além de um possível menor apetite das empresas por crédito (sobretudo para investimento), diante do cenário econômico ainda adverso.

Na outra ponta, houve nova melhora na expectativa para o desempenho do crédito livre destinado às famílias, revisado de 8,5% para 9,3%, beneficiado pelo mercado de trabalho aquecido e razoável dinamismo das linhas atreladas ao consumo.

Também houve revisão positiva na projeção para o crédito direcionado, tanto para as famílias quanto para as empresas. No caso PF, a projeção passou de 9,6% para 10,7%, provavelmente

refletindo os novos impulsos do Plano Safra 2023/24, além da resiliência do crédito imobiliário. Já para as empresas, a projeção da carteira direcionada subiu de 6,8% para 7,7%, com o bom desempenho sustentado especialmente pelos programas públicos de crédito (Pronampe e PEAC-FGI).

Quanto à inadimplência, a expectativa para a taxa da carteira Livre em 2023 permaneceu em 4,8%. Assim, os participantes esperam certa estabilidade do indicador até o final do ano (segundo os últimos dados do BCB, a taxa ficou em 4,9% em mai/23). A projeção da taxa de inadimplência para 2024 também ficou estável, em 4,6%, sinalizando uma ligeira melhora em relação à expectativa para este ano.

Para 2024, a projeção para a expansão da carteira total também registrou ligeira piora, de 7,8% para 7,4%. A revisão baixista foi disseminada entre as aberturas, embora sugerindo um ritmo de expansão do crédito similar ao deste ano.

O Quadro 10 apresenta o resultado consolidado da pesquisa atual, comparando os resultados com o obtido na pesquisa anterior, realizada em maio.

Quadro 10: Projeções para o Crescimento da Carteira de Crédito (Pesquisa Febraban de Economia Bancária)

Projeções para Saldo de Crédito e Inadimplência (média entre as instituições)	2023		2024	
	Pesquisa Mai/23	Pesquisa Jul/23	Pesquisa Mai/23	Pesquisa Jul/23
Carteira Total (var. % – total do SFN)	8,1	7,8	7,8	7,4
Recursos Livres (var. % – total do SFN)	7,1	6,1	7,8	7,7
Crédito Livre para Pessoas Jurídicas (var. % – total do SFN)	3,9	2,4	7,4	6,9
Crédito Livre para Pessoas Físicas (var. % – total do SFN)	8,5	9,3	9,0	8,2
Recursos Direcionados (var. % – total do SFN)	8,8	9,7	7,8	7,2
Crédito Direcionado para Pessoas Jurídicas (var. % – total do SFN)	6,8	7,7	7,2	6,6
Crédito Direcionado para Pessoas Físicas (var. % – total do SFN)	9,6	10,7	7,9	7,4
Taxa de Inadimplência - % da Carteira Livre (acima de 90 dias, fim de período)	4,8	4,8	4,6	4,6

Fonte: Pesquisa Febraban de Economia Bancária

* Nem todas as IFs imputam projeções para todas as aberturas, fato que pode causar alguma discrepância entre a projeção para o crédito total e suas aberturas.

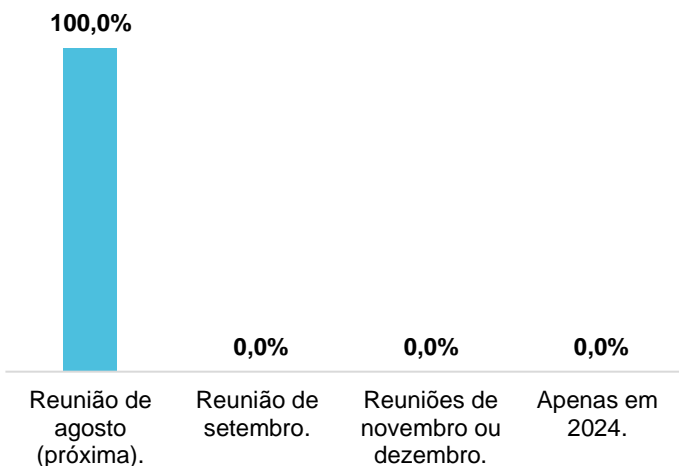
Pesquisa Febraban de Economia Bancária e Expectativas

Em relação à percepção dos participantes sobre a economia brasileira e internacional, os principais pontos captados pela Pesquisa Febraban de Expectativas foram:

- É unânime entre os participantes a perspectiva de que o Copom iniciará o ciclo de redução da taxa Selic na próxima reunião, que ocorrerá em agosto (dias 1 e 2). A expectativa (mediana) é de que a flexibilização inicie de maneira moderada, com corte de 0,25 pp, e acelere para 0,50 pp nos encontros subsequentes, levando a taxa Selic para 12,0% aa no fim de 2023.
- Em relação ao juro neutro da economia, uma ligeira maioria (52,6%) dos analistas consultados estima que o juro real neutro é de 4,5% aa (ou menos), igual à nova taxa apontada pelo BCB (revisada de 4,0% para 4,5%). Já para os demais (47,4%), a taxa neutra já é superior a tal patamar, de 5% aa (ou mais). Ou seja, no geral, analistas concordam na direção apontada pelo BC, de taxa neutra mais elevada.
- Quanto aos impactos do ambiente externo sobre a condução da política monetária do BCB, a maioria (73,7%) entende que os riscos estão bem equilibrados, e que não devem prejudicar o plano de voo do Colegiado.

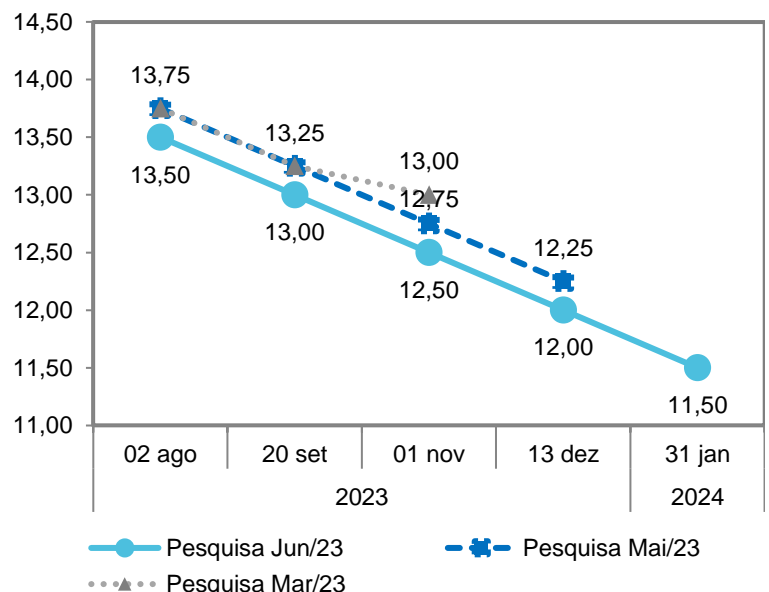
- Não há consenso quanto ao grau restante de aperto monetário que ainda ocorrerá nos EUA, mas a maior parte (52,6%) dos analistas consultados espera que o Fed eleve os juros em 0,25 pp apenas mais uma vez, encerrando o ciclo no intervalo de 5,25% a 5,50% aa (ante indicações do próprio Fed de mais duas altas de 0,25 pp).
- No mercado de crédito doméstico, a maioria dos participantes (77,8%) segue entendendo que o atual ritmo de desaceleração da carteira deve ser mantido ao longo do ano, em linha com o atual estágio da política monetária.
- Parte relevante dos participantes (47,1%) espera que a inadimplência da carteira Livre PF continuará se deteriorando ao longo do ano, podendo superar os 6,5%. Contudo, uma ligeira maioria (52,9%) espera estabilização ou mesmo algum recuo do índice a partir do 2º semestre.
- Para acessar o resultado completo da pesquisa, [clique aqui](#).

Quadro 11: Perspectiva para início da flexibilização monetária – % de respostas



Fonte: Pesquisa Febraban de Economia Bancária

Quadro 12: Projeção (mediana) para a Taxa Selic para as próximas reuniões do Copom



Fonte: Pesquisa Febraban de Economia Bancária

**The Banker
Top 1.000 World Banks 2023**

CRÉDITO / BANCOS

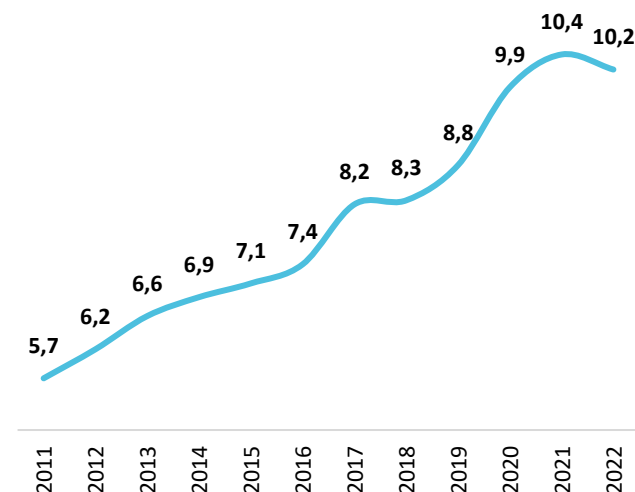
A partir desta semana iniciaremos uma série de análises com base nas informações disponibilizadas pela revista The Banker, publicação associada ao jornal Financial Times, que divulgou na última quarta-feira (5) o ranking Top 1000 World Banks 2023, com dados referentes ao ano de 2022. A classificação leva em consideração o volume de Capital Nível 1 (Tier 1), em US\$, dos maiores conglomerados financeiros do mundo (seguindo os critérios de capital do Comitê de Basileia), que é formado, basicamente, pelo capital social dos bancos (ações ON e PN), lucros acumulados, reservas de capital e instrumentos subordinados adequados à regulação (títulos perpétuos). Tal parcela do capital é responsável por assegurar de forma mais efetiva a solvência da instituição financeira.

A base de dados total é composta por mais de cinco mil bancos. No entanto, os dados das filiais dos bancos com capital estrangeiro são consolidados em sua matriz. Como exemplo, as informações do Santander Brasil são consolidadas em sua operação da Espanha.

Nesta semana, abordamos os principais aspectos do ranking e os dados de Capital Nível 1 a nível de bancos, países e regiões. Outros temas serão abordados nas próximas edições do boletim. De maneira geral, a revista destacou que o ano de 2022 foi marcado por alta inflação e elevação das taxas de juros pelos BCs nas maiores economias, o que fez com que os bancos tivessem que navegar em um ambiente com taxas de juros mais altas após décadas de taxas em níveis próximos de zero em tais localidades. Embora, em geral, positivo para o setor, tal ambiente tem se mostrado desafiador, pressionando o custo de captação das IFs e dificultando a capacidade de pagamento de famílias e empresas, em alguns casos. Vale ressaltar que 2022 também ficou marcado pela continuidade da retomada da atividade pós-pandemia, além do início da guerra na Ucrânia. Já os problemas com os bancos regionais norte-americanos ocorreram apenas em 2023 e não foram captados na análise.

O Capital Nível 1 agregado dos 1000 maiores bancos do mundo atingiu US\$ 10,2 tri em 2022, caindo 2,1% com relação ao patamar do ano anterior (US\$ 10,4 tri), conforme o Quadro 13. Um ponto bastante destacado pela revista foi o fortalecimento do dólar a nível global em 2022, decorrente do aperto monetário promovido pelo Fed. Como as informações são comparadas em dólar, variações das moedas têm impacto relevante sobre o ranking final. Assim, tal queda não significa necessariamente que o volume de capital dos maiores bancos do mundo encolheu (em suas respectivas moedas), significando algum tipo de aumento da fragilidade do sistema, mas, sim, na maioria dos casos, fruto de ajustes das taxas de câmbio, como ficará claro quando abriremos os resultados por países. Ainda assim, o volume de Capital Nível 1 em 2022 seguiu acima do nível de 2020 (US\$ 9,9 tri) e bastante superior (+15,6%) ao nível pré-pandemia (US\$ 8,8 tri).

Quadro 13: Evolução do volume de Capital Nível 1 dos 1000 maiores bancos do mundo (US\$ tri)



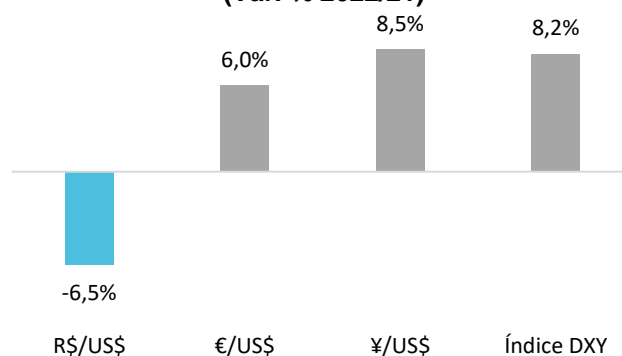
Fonte: The Banker

Quanto ao ranking deste ano (referente a 2022), o líder foi novamente o ICBC, da China, com um volume de Capital Nível 1 de US\$ 497,3 bi, redução de 2,3% ante o ano anterior. A instituição ocupa a liderança desde 2012, e seu volume de capital é mais do que o dobro do maior banco norte-americano na lista, o JP Morgan, que permaneceu na 5ª colocação. Os bancos chineses seguem dominando a classificação, ocupando as 4 primeiras posições, sem alterações em relação ao ranking de 2021. Aliás, entre os 10 primeiros, a única alteração de posição se deu entre o 9º e o 10º colocados, onde o também chinês Bank of Communications ultrapassou o britânico HSBC (único europeu entre os 10 maiores). Completam as primeiras posições os demais grandes *players* do setor nos EUA: Bank of America - Bofa (6º), Citi (7º) e Wells Fargo (8º).

Com relação aos bancos brasileiros, a performance foi positiva em 2022, com o país ganhando três IFs (Nubank, Sicredi e Bancoob) na lista em comparação a 2021, mostrando a força dos bancos digitais e cooperativas no país. Com isso, o país possui agora 14 instituições entre as 1000 maiores do mundo. Além disso, a grande maioria dos bancos melhoraram sua posição no ranking ante o ano anterior. O Itaú Unibanco segue como o líder, com US\$ 32,0 bi de Capital Nível 1, passando da 75ª para a 66ª posição, seguido por Banco do Brasil (69ª), Bradesco (86ª) e Caixa Econômica Federal (100ª).

É importante ressaltar que os valores são mensurados em dólar e, em 2022 (cf. Quadro 14), o real foi uma das poucas moedas que se valorizou ante a moeda norte-americana, ajudando a explicar o bom desempenho dos bancos brasileiros no ranking. A cotação saiu de R\$/US\$ 5,58 no final de 2021 para R\$/US\$ 5,22 em 2022, ou seja, uma valorização de 6,5%. Por outro lado, no comparativo contra uma cesta de moedas de países avançados (índice DXY) o dólar se valorizou 8,2%. Neste sentido, a Europa (euro/dólar, +6,0%) e a China (yuan/dólar, +8,5%) viram suas moedas se desvalorizarem.

Quadro 14: Desempenho do dólar (Var. % 2022/21)



Fonte: Bloomberg

Quadro 15: Ranking por Capital Nível 1 Top 10 e IFs brasileiras

Ranking 2022	Ranking 2021	Banco	País	Capital Nível 1	
				US\$ mi	Var. %
1	1	Industrial and Commercial Bank of China	China	497.281	-2,3%
2	2	China Construction Bank Corporation	China	407.229	0,7%
3	3	Agricultural Bank of China	China	379.867	0,7%
4	4	Bank of China	China	339.484	-0,5%
5	5	JP Morgan Chase & Co	US	245.631	-0,2%
6	6	Bank of America	US	208.446	6,1%
7	7	Citigroup	US	169.145	-0,2%
8	8	Wells Fargo & Co	US	152.567	-4,4%
9	10	Bank of Communications	China	145.443	-3,5%
10	9	HSBC Holdings	UK	139.067	-11,0%
-	-	-	-	-	-
66	75	Itaú Unibanco Holding	Brazil	31.967	19,0%
69	81	Banco do Brasil	Brazil	30.297	19,6%
86	86	Banco Bradesco	Brazil	23.108	-1,2%
100	111	Caixa Econômica Federal	Brazil	20.623	21,9%
209	248	Banco BTG Pactual	Brazil	7.538	25,0%
376	411	Banco Safra	Brazil	3.560	10,6%
581	700	Banco do Nordeste do Brasil	Brazil	1.808	37,4%
653	698	Banco do Estado do Rio Grande do Sul	Brazil	1.496	13,3%
711	835	Banco Daycoval	Brazil	1.294	45,3%
764	672	Banco Inter	Brazil	1.133	-20,5%
831		Nubank	Brazil	916	-
845	957	Banco da Amazonia	Brazil	878	37,8%
909		Banco Cooperativo Sicredi	Brazil	725	-
974		Banco Cooperativo do Brasil	Brazil	605	-

Fonte: The Banker

Avaliando o ranking por região (Quadro 16), a Ásia e Pacífico segue na liderança, respondendo por metade do Capital Nível 1 da amostra, com 380 instituições na lista das mil maiores, mesmo com a queda de 2,7% do volume de capital ante 2021, superior à queda global (-2,1%). O resultado é puxado pelo setor bancário chinês (33% do volume total de capital ou 140 IFs), que também recuou no ano (-1,6%). A Europa Ocidental ficou em 2º lugar, com 22% do capital total e 216 IFs na lista, porém apresentando forte queda (-5,9%) do volume de capital em 2022. Em ambos os casos (Ásia e Europa), refletindo, em parte, a desvalorização de suas moedas ante o dólar no período.

A América do Norte, por sua vez, elevou seu nível de Capital Nível 1 em 1,9%, atingindo quase 20% do total, com 212 instituições. Os EUA ganharam 10 bancos na amostra (subindo para 196), elevando seu volume de capital em 1,5%, atingindo 16,5% do total.

Já a América do Sul apresentou um desempenho bem positivo (+12,6%), liderada pelo Brasil (+17,3%) e pelo Chile (+14,3%), impulsionados pela apreciação de suas respectivas moedas, aumentando sua participação no volume total de capital dentre os 1000 maiores de 1,6% para 1,8%. Contudo, o continente perdeu um banco na lista (37 ante 38 em 2021), refletindo a fraca performance da Colômbia, que perdeu 3 IFs no ranking em função da instabilidade econômica local. O Quadro 17 traz a evolução da participação do Brasil, que atingiu o maior número de IFs no ranking desde 2014, além de elevar sua representatividade para 1,2% no volume de Capital da amostra, voltando ao nível de 2019. De toda forma, se manteve na 18ª posição geral do ranking, seguindo atrás de países como Rússia (16ª) e a Arábia Saudita (17ª).

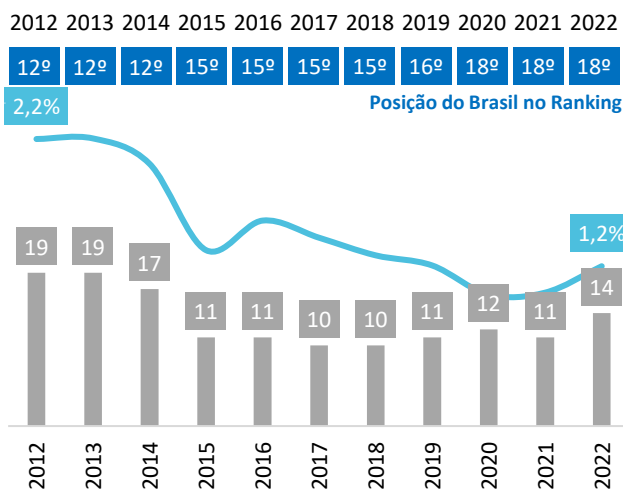
Por fim, o Quadro 18 traz a evolução da importância relativa no ranking de alguns países selecionados. Fica evidente o movimento de alta da China desde 2012, ampliando sua vantagem como a primeira do ranking nesse critério, ganhando espaço sobre os EUA, que atualmente possui uma relevância menor (16,5% ante 17,7%) do que no início da série. Outros países desenvolvidos também perderam importância com o avanço dos bancos chineses, como Japão (-4,1 pp), Reino Unido (-3,7 pp) e França (-1,0 pp).

Quadro 16: Ranking por Capital Nível 1 Regiões e Países

Região/País	Nº de bancos	Posição do País	Capital Nível 1 em US\$ bi	Var. %	% do Capital Total
Ásia e Pacífico	380		5.046,6	-2,7%	49,6%
China	140	1º	3.322,3	-1,6%	32,7%
Japão	82	3º	577,6	-10,1%	5,7%
Índia	27	9º	213,4	7,6%	2,1%
Coreia do Sul	11	10º	207,4	-9,3%	2,0%
Europa	216		2.228,8	-5,9%	21,9%
França	6	4º	443,3	-6,1%	4,4%
Reino Unido	26	5º	387,3	-12,3%	3,8%
Suíça	35	7º	230,4	0,4%	2,3%
Espanha	14	8º	217,8	-6,6%	2,1%
América do Norte	212		1.988,5	1,9%	19,6%
EUA	196	2º	1.679,5	1,5%	16,5%
Canadá	13	6º	300,2	4,3%	3,0%
Oriente Médio	64		405,7	3,0%	4,0%
América do Sul	37		183,8	12,6%	1,8%
Brasil	14	18º	125,9	17,3%	1,2%
Chile	7	43º	18,7	14,3%	0,2%
Europa Leste e Centra	29		180,2	2,8%	1,8%
Rússia	12	16º	132,1	4,6%	1,3%
África	32		84,9	-18,4%	0,8%
África do Sul	7	33º	40,8	-5,5%	0,4%
América Central	18		33,7	11,1%	0,3%
México	7	42º	20,7	12,4%	0,2%
Ásia Central	5		7,8	31,5%	0,1%
Caribe	7		6,8	13,7%	0,1%
Total	1.000		10.166,6	-2,1%	100%

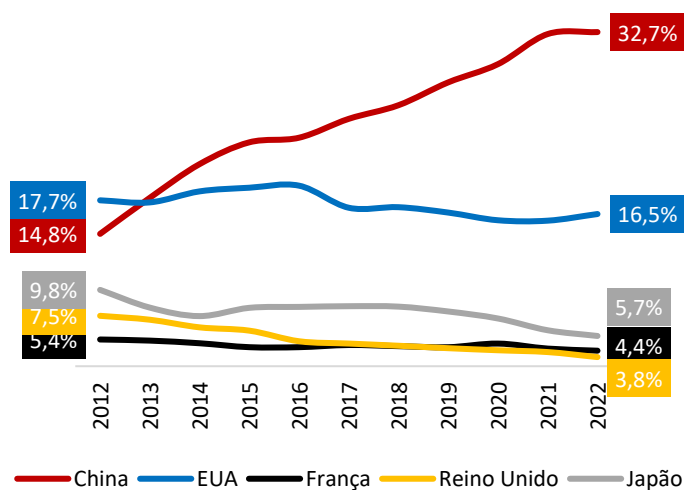
Fonte: The Banker

Quadro 17: Participação do Brasil no ranking (Capital Nível 1 em % do total)



Fonte: The Banker

Quadro 18: Participação dos países no ranking (Capital Nível 1 em % do total)



Relatório Mensal da Caderneta de Poupança – Jun/23

CRÉDITO / BANCOS

O Banco Central do Brasil reportou que a caderneta de poupança voltou a ganhar recursos no mês de junho, no valor de R\$ 2,6 bilhões. O montante, mesmo que tímido com relação às recentes saídas da modalidade, é o primeiro positivo no ano. O resultado foi beneficiado pelo pagamento da 1ª parcela do 13º salário aos aposentados e pensionistas do INSS, iniciada no final de maio.

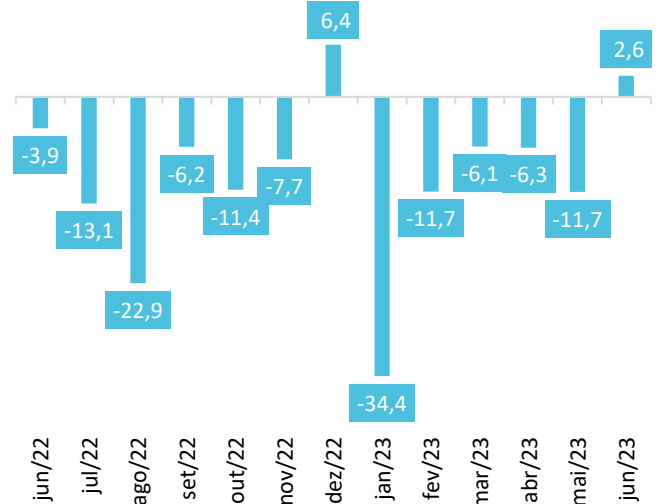
De toda forma, a captação líquida positiva de junho não impediu o resultado negativo da modalidade nos primeiros seis meses do ano, da ordem de R\$ 67,6 bi (0,64% do PIB). Tal resultado é equivalente a saída de recursos observada no 1º semestre de 2003 (0,64% do PIB), mas não chega a ser tão intensa como foi em 2015 e 2016, quando atingiu 0,65% e 0,70% do PIB, respectivamente, afetados na ocasião pela forte crise econômica que atingiu o país.

Com o resultado de junho, o saldo da modalidade subiu para R\$ 970,4 bi, permanecendo em 9,4% com relação ao PIB, bem abaixo do pico alcançado em dez/20 (13,6% do PIB) e do observado no pré-pandemia (11,2% em fev/20).

Como temos comentado nos últimos meses, o processo de elevação da taxa Selic é uma das principais causas para este movimento (de saída de recursos da modalidade), uma vez que a caderneta de poupança vai perdendo a atratividade como forma de investimento para outros instrumentos, como os depósitos à prazo (CDBs) e as letras de crédito (LCAs/LCIs), por exemplo. Para ilustrar tal ponto, o Quadro 21 traz a evolução (em % do PIB) do saldo dos depósitos à prazo, de poupança e das letras de crédito. É possível observar que desde meados de 2021, quando o ciclo de elevação da Selic ganhou tração, os depósitos à prazo e as letras de crédito voltaram a ganhar recursos, na contramão da caderneta de poupança.

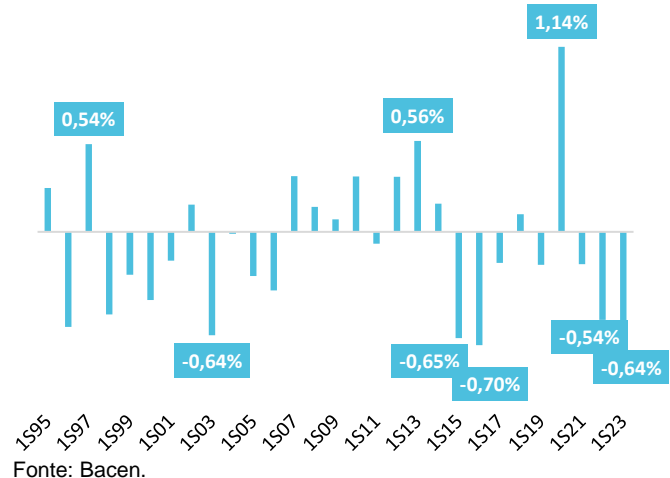
Para o restante de 2023 não é aguardada grande mudança na dinâmica do produto, que mesmo com a queda da taxa Selic deve seguir menos atrativa do que outros tipos de investimento, que por sua vez, tem se tornado cada mais comuns na carteira de parte da população.

Quadro 19: Captação Líquida da Caderneta de Poupança Em R\$ bi (IPCA de Jun/23*) – Evolução Mensal



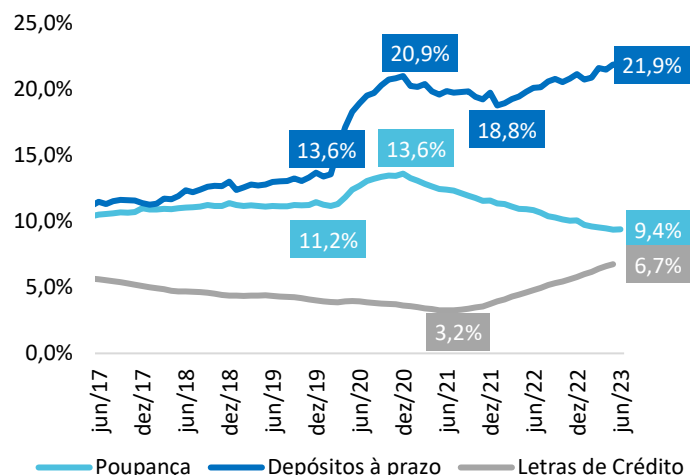
Fonte: Bacen. *Boletim Focus 03/07.

Quadro 20: Captação Líquida acumulada no 1º semestre – Em % do PIB



Fonte: Bacen.

Quadro 21: Saldo da Poupança, Depósitos à prazo e Letras de Crédito - % do PIB



Fonte: Bacen.



MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2023				2024			
	07/07/23	30/06/23	09/06/23	Viés	07/07/23	30/06/23	09/06/23	Viés
IPCA (%)	4,95	4,98	5,42	▼	3,92	3,92	4,04	↔
PIB (% de crescimento)	2,19	2,19	1,84	↔	1,28	1,28	1,27	↔
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	12,00	12,00	12,50	↔	9,50	9,50	10,00	↔
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	5,00	5,00	5,10	↔	5,06	5,08	5,17	▼

Fonte: Banco Central do Brasil

Indicadores do Mercado	07/07/23	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	4,87	1,81%	1,81%	-7,74%	-8,80%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	182,90	3,52%	3,52%	-28,01%	-37,60%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	13,59	-0,46%	-0,46%	-0,48%	2,78%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	11,52	-1,12%	-1,12%	-14,06%	-16,83%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	10,38	-0,12%	-0,12%	-17,73%	-18,75%
Índice Ibovespa (em pontos)	118.897,99	0,69%	0,69%	8,35%	18,04%
IFNC (setor financeiro)	12.305,40	0,67%	0,67%	20,01%	30,34%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	5,25	0,00%	0,00%	16,67%	200,00%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	4,95	1,03%	1,03%	11,75%	64,09%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	4,06	5,86%	5,86%	4,82%	35,64%
Dollar Index	102,27	-0,62%	-0,62%	-1,21%	-4,53%
Índice S&P 500 (em pontos)	4.398,95	-1,16%	-1,16%	14,57%	12,72%
Índice de ações de bancos – EUA	87,49	0,95%	0,95%	-23,31%	-20,02%
Índice Euro Stoxx 50	4.236,60	-3,69%	-3,69%	11,68%	21,44%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	105,59	-1,64%	-1,64%	10,15%	34,54%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	78,47	4,77%	4,77%	-8,66%	-25,02%

Fonte: Bloomberg

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 Daniel Casula
 João Vítor Siqueira